

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERVENÇÕES SIGNIFICATIVAS COM O PIBID

Rafaela Venzi Vialle¹
Aline da Silva Pedro Freitas²
Anilde Tombolato Tavares da Silva³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compartilhar as experiências vivenciadas por meio do subprojeto “De que vale olhar sem ver: A Arte na Educação Infantil” desenvolvido pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de Pedagogia na UEL (Universidade Estadual de Londrina) e financiado pela CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) sendo as intervenções realizadas Escola Municipal Maria Shirley Barnabé Lyra em uma turma do EI-6 (Educação Infantil) na cidade de Londrina, Paraná. O subprojeto que está em andamento tem como objetivo desenvolver a percepção visual, sensibilidade estética e expressão em Artes Visuais.

Palavras-chave: PIBID. Artes Visuais. Interdisciplinaridade.

Introdução

Sabemos que a Arte está presente no cotidiano de nossos alunos, tanto na escola ou em casa, ao assistir TV ou folhear um livro, por exemplo. Porém, ao pensarmos em um subprojeto que abordaria este tema tão amplo como Artes Visuais, buscamos focar na Arte em si, em suas técnicas, artistas famosos, estética e sensibilidade, tópicos muitas vezes esquecidos. Na Educação Infantil, podemos ver a arte permeando por quase todos os projetos trabalhados pelas professoras, nas pinturas, desenhos, colagens desenvolvidas pelas crianças, porém esta é muitas vezes incluída na rotina mecanicamente, perdendo sua verdadeira essência.

532

Como já citado, o subprojeto “De que vale olhar sem ver: a Arte na Educação Infantil” é desenvolvido dentro do PIBID sendo este financiado pela CAPES. As atividades ocorrem tanto no CECA (Centro de Educação, Comunicação e Artes) como na Escola Municipal Maria Shirley Barnabé Lyra com 20 (vinte) alunos do EI 6.

Com este trabalho temos como objetivo apresentar os resultados das intervenções do Projeto PIBID/Pedagogia e discutir sobre os processos criativos na Educação Infantil, relacionando nossas práticas pedagógicas com a teoria utilizada para fundamentar nossas ações.

¹ Estudante do 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL);
rafaela_vialle@hotmail.com

² Estudante do 1º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL); aline-pedroo@hotmail.com

³ Doutora em Educação, docente de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Coordenadora do PIBID/Pedagogia; anildetombolato@gmail.com

A importância da Arte na Educação Infantil

O RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) nós traz uma discussão importante e base para que os professores possam trabalhar a Arte de maneira significativa na Educação Infantil, colocando-a como disciplina a ser trabalhada e não somente o momento de fazer cartões para as mães e enfeitar a sala de aula.

A presença das Artes Visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e a prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como mero passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinhas são destituídas de significados. (RCNEI, 1998, pág. 87)

Pensando a realidade segundo a teoria crítica, percebemos que as crianças estão sendo bombardeadas pelo mundo do consumo e da indústria cultural, onde os processos criativos são quase nulos, visto que tudo chega pronto, definido. Os livros e apostilas já não permitem mais a criança imaginar, lhe dão pronto o estereótipo dos personagens aos quais antigamente as crianças imaginavam por sua conta, exercendo o exercício mental de criar, por exemplo.

Como diz Souza (1977), a arte é uma linguagem natural, e muitas vezes mais clara que qualquer outra, e está presente na educação do indivíduo devido a sua interdisciplinaridade:

As atividades artísticas na escola favorecem a disciplina da atenção por encerrar a análise de múltiplas formas, a comparação de grandezas nos sentido das proporções, a avaliação das relações especiais, a percepção das posições relativas das linhas diretrizes de movimento, a estimativa das intensidades cromáticas, o conhecimento da natureza e do efeito das cores. No trabalho criador intervêm processos mentais complexos e diversos: visuais, motores e de associação. (SOUZA, 1977, 57)

Ou seja, por meio das Artes Visuais o professor pode proporcionar um mundo de aprendizagens que sejam realmente significativas para seu aluno, proporcionando momentos de criação, e tornando possível os alunos se apropriarem de seu mundo, do tempo em que vivem, reproduzindo-o segundo suas ideias, e experiências que possuem. Não esquecendo que: “Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009, pág. 12).

O subprojeto: “De que vale olhar sem ver: a Arte na Educação Infantil”

O subprojeto “De que vale olhar sem ver: a Arte na Educação Infantil” é desenvolvida na Escola Municipal Maria Shirley Barnabé Lyra (observação e intervenções) e na UEL, onde acontece as reuniões mensais para planejamentos e discussões.

Tanto o eixo temático como o tema a ser trabalhado na escola ficou à escolha dos bolsistas. Assim, nos foi dada liberdade para que pensássemos o planejamento para o eixo de Arte, apresentando-o no geral. Este planejamento geral foi feito antes das observações em sala de aula e se apresentou da seguinte forma: cada mês do ano seria trabalhado um tema de Artes Visuais, por exemplo, Julho trabalhamos o desenho e em Agosto a pintura. As observações duraram aproximadamente um mês. Toda as segundas-feiras íamos até a escola observar a sala composta por 20 alunos da Educação Infantil nível 6 (EI-6). A rotina nesta dia é composta por oração inicial, ajudante do dia – no qual a professora trabalha as letras do alfabeto e as sílabas – calendário, matemática, recreio, educação física, trabalho em grupo, jogos ou músicas e saída. Observando os alunos, a estrutura da escola e os materiais disponíveis fomos aos poucos moldando e melhor estruturando o planejamento que é feito semanalmente.

Foram escolhidas duas intervenções para discussão neste artigo referentes ao mês de Agosto, no qual foi trabalhado a pintura.

Nesta primeira intervenção trabalhamos com a pintura no muro da escola. Aproveitamos o fato de que na intervenção anterior tínhamos trabalhado a pintura rupestre, e também articulamos com o projeto dos animais que a professora estava trabalhando para montar esse plano de aula. Ainda em sala, a bolsista deu um feedback para as crianças sobre a pintura rupestre, e conversou com as mesmas sobre o tema que a regente estava trabalhando, os animais. Explicamos também os materiais que iríamos usar para a produção (carvão, pincéis e tinta guache de várias cores) e levamos as crianças até o muro, onde puderam desenhar e pintar livremente, embora a grande maioria tenha tentado fazer pinturas de animais e também rupestre, já que foram citadas em sala. A atividade proporcionou um momento muito interessante para as crianças, e também para nós bolsistas, que pudemos presenciar a alegria delas frente à uma atividade que não estão acostumadas. Mostravam suas pinturas umas para as outras, escreviam seus nomes como assinando suas obras e queriam mais com o fim da atividade. As crianças adoram materiais como tinta guache e pincéis. O lidar com os

matérias que envolvem as técnicas artísticas o aluno transforma esses materiais, e assim expressa tanto o que vê tanto o que sente.

Ao transformamos as matérias, agimos, fazemos. São experiências existenciais – processos de criação – que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. (OSTROWER, 1987, pág. 69)

Podemos pensar então, como é importante esses momentos de expressão livre por parte da criança. Souza (1977, pág. 75) nos diz que a criança não pinta quadros, ou faz desenhos para que se torne um artista, mas sim para se expressar, sendo isso um fato importante do desenvolvimento infantil, e independe de padrões artísticos como “bonito”, “feio”, “certo” ou “errado”.

Na segunda intervenção a ser discutida foi trabalhado o artista Candido Portinari, no qual propomos uma releitura da obra “Futebol em Brodoski” de 1935. Esta aula foi muito interessante, visto que trabalhamos com as crianças principalmente as obras que Portinari se referia ao mundo infantil e suas brincadeiras. Conversamos sobre “Futebol em Brodoski”, questionando as crianças quanto a paisagem, as cores, os objetos e crianças da cena para que depois pudessem fazer a releitura, pintando com giz de cera, deixando as livres para o desenvolvimento da releitura segundo a visão de cada um.

Um poema, uma escultura ou um quadro se ligam a diferentes tipos de sensibilidade e são suscetíveis, por sua vez, de gerar formas diferentes, também, de criatividade. A emoção estética reside, justamente, na satisfação que experimentamos por nos sentirmos capazes de explorar ao máximo nossas capacidades inatas de percepção. (SOUZA, 1977, págs. 50-51)

Escolhemos estas duas intervenções pois foram muito significativas para nós devido a atitude criativa das crianças perante as propostas e como conseguem se apropriar do conteúdo dado (teórico) e desenvolverem trabalhos singulares, onde se expressam e não deixam de ser crianças.

Considerações finais

O PIBID sem dúvida nos proporciona uma ligação com a escola de extrema importância para a nossa formação como futuro docentes. Para desenvolvermos o subprojeto “De que vale olhar sem ver: a Arte na Educação Infantil” cada dia mais refletimos e discutimos sobre nossa prática e também sobre a nossa formação, buscando por referenciais teóricos e novas ideias. A nossa presença na escola visa sempre por uma aprendizagem que possa ser significativa para as crianças do EI-6, um momento

diferente, prazeroso e que gere oportunidades desafiadoras e criativas para as crianças, mas também para nós bolsistas que aprendemos tanto com os pequenos.

Referencias

HERNÁNDEZ, Fernando; MONTSERRAT, Ventura. A organização do Currículo por Projetos de Trabalho. 5ª Edição. Porto Alegre. Artmed. 1998.

BRASIL. RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – Brasil, 1998, V. 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2014.

MARTINS, M; PICOSQUE, G; GUERRA, M. Teoria e prática do ensino de Arte.1.ed. São Paulo: FTD, 2009.

SOUZA; Alcidio M. Artes Plásticas na Escola. 6.ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1977.

OSTROWER; Fayga. Criatividade e Processos de criação. 1.ed. Petropolis: Vozes, 1987.